

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA):  
CONCEPÇÕES DOS EDUCADORES E A INFLUÊNCIA EM SUAS PRÁTICAS  
PEDAGÓGICAS.**

**ENVIRONMENTAL EDUCATION IN THE EDUCATION OF YOUTH AND  
ADULTS: CONCEPTIONS OF EDUCATORS AND THE INFLUENCE IN  
THEIR PEDAGOGICAL PRACTICES.**

Pós-Doutora Maria da Conceição Almeida de Albuquerque – SME-RJ  
Doutorando Roberto Carlos da Silva Soares – SEMED-PA

**RESUMO**

Neste artigo buscou-se verificar as concepções de Educação Ambiental dos professores de 02 (duas) escolas municipais de Duque de Caxias-RJ, e de 02 (duas) escolas municipais de Castanhal-PA, da Educação de Jovens e Adultos e de que forma elas interferiam em suas práticas pedagógicas. Para isso, procurou-se identificar como se produzia a abordagem da EA e as estratégias didáticas utilizadas. Para a coleta de dados, foi utilizado um questionário individual semiestruturado em 08 (oito) questões, respondido por 52 (cinquenta e dois) professores da Educação de Jovens e Adultos. Os resultados apontaram que um grande grupo (54%) ainda apresenta uma visão preservacionista sobre EA a qual acredita que, transmitindo ao indivíduo os conhecimentos necessários e, ainda, provocando nele uma sensibilização pela questão ambiental, pode haver transformação no comportamento incorreto. Essa percepção tem uma grande influência nas práticas pedagógicas do professor na abordagem da EA, dificultando, assim, a abordagem crítica e contextualizada da temática ambiental.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental; Educação de Jovens e Adultos; Práticas Pedagógicas.

**ABSTRACT**

This article aimed to check what were the conceptions of Environmental Education of the teachers from 02 (two) Municipal Schools in Duque de Caxias-RJ and 02 (two) Municipal Schools in Castanhal-PA, who work with Youth and Adult Education, and how those conceptions interfered in their pedagogical practices. For that, it was necessary to identify how the Environmental Education approach was done and what didactic strategies were used. To collect data was used an individual questionnaire semi structured in 8 questions, answered by 52 (fifty eight) Youth and Adult Education's teachers. The results showed that a big group (54%) still has a preservationist view about Environmental Education that believes that once it's transmitted to the individual the necessary knowledge and also stimulating his sensibility for the environmental issue, the individual can change an incorrect behavior. That perception has a great influence in the teachers' pedagogical practices in the Environmental Education approach, making the critical and contextualized approach of the environmental thematic difficult.

**Key words:** Environmental Education; Youth and Adult Education; Pedagogical Practices.

### **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Na realidade social atual em que as atenções do mundo estão voltadas às notícias que a mídia veicula a respeito do ambiente em que vivemos, é inquestionável a relevância da Educação Ambiental. Dialogar com a Educação Ambiental (EA) e a Educação de Jovens e Adultos (EJA) como campos educativos que se complementam nas necessidades dos sujeitos que dela se utilizam, é ouvir a multiplicidade de suas vozes e olhar para o chão onde têm suas raízes. É justamente na busca da atenção da sociedade e de práticas governamentais que a EA e a EJA têm um ponto em comum.

Guimarães (2010), pesquisador da questão ambiental, diagnosticou a necessidade da dimensão ambiental ser incorporada à educação e elaborou uma argumentação para que os professores refletissem a respeito dos motivos que justificam a necessidade de inclusão da EA na prática educativa, promovendo o debate a respeito da questão ambiental e suas implicações na transformação do conhecimento, dos valores e das atitudes diante de uma nova realidade a ser construída, notadamente na escola, lugar privilegiado da reprodução de regras da convivência social.

Desse modo, partindo do pressuposto da importância da EA nos tempos atuais e pelo fato de que ela está inserida na educação formal e também por existirem políticas públicas que estabelecem a presença da EA na Educação de Jovens e Adultos, a pesquisa em pauta procurou responder à questão: como as concepções dos educadores da EJA em relação à EA das 02 (duas) escolas da rede municipal de Duque de Caxias-RJ e das 02 (duas) escolas da rede municipal de Castanhal-PA interferiam em suas práticas pedagógicas?

Diante da problemática apresentada, delimitamos como objetivo geral: verificar quais concepções os Educadores da EJA tinham em relação à EA e as influências em suas práticas pedagógicas.

Para atender a esse objetivo, foram delimitados como objetivos específicos: i) verificar como se produzia a abordagem da EA nas classes de EJA e ii) que estratégias didáticas estavam sendo utilizadas para a EA.

A escolha das escolas como área de estudo se deu pelo fato de os autores terem atuado no Ensino de Jovens e Adultos nelas, tendo conhecimento da realidade dos

docentes e discentes da escola. Os bairros onde as escolas estão situadas apresentam sérios problemas sociais e ambientais. Por esses motivos, esses estabelecimentos de ensino podem ser cenários para o estudo das questões ambientais trabalhadas em sala de aula.

Durante as últimas três décadas, a EA evoluiu e se fragmentou em diversas formas de abordagens, que hoje são identificadas como tendências ou correntes.

Por meio da análise de diversos trabalhos dos autores do campo da EA, duas correntes são fortemente encontradas: corrente preservacionista e corrente crítica.

A corrente preservacionista, segundo Loureiro (2006a), organiza-se em torno da preocupação de preservar os recursos naturais, mantê-los intocados, protegendo a flora e a fauna do contato humano e da degradação; a corrente crítica é identificada como uma proposta voltada para um processo educativo engajado no processo de transformação da realidade socioambiental, que nos mobiliza diante dos problemas e nos ajuda na ação coletiva transformadora da realidade, a partir da compreensão do ambiente em toda a sua complexidade e a vida em sua totalidade.

A EA deve contribuir para o exercício da cidadania, no sentido de transformação social e também aprofundar conhecimentos a respeito das questões ambientais, criar espaços participativos e desenvolver valores éticos. Logo, segundo Guimarães (2010), ela deve ser uma EA crítica, de acordo com os interesses das classes populares, dos “oprimidos” como nos anunciou Paulo Freire. Essa EA se vincula com a prática social, no contexto da realidade socioambiental e não pode estar voltada simplesmente para a mudança de comportamentos individuais (educação de comportamentos), esperando que a soma de mudanças individuais resulte na transformação “automática” da sociedade.

## **METODOLOGIA**

O trabalho de pesquisa se deu em 02 (duas) escolas da rede municipal de Duque de Caxias- RJ, e em 02 (duas) escolas da rede municipal de Castanhal-PA junto ao grupo de docentes que atuam na Educação de Jovens e Adultos.

A coleta de dados ocorreu através do questionário que buscou verificar junto aos professores quais eram suas concepções acerca da EA e a influência disso em suas práticas pedagógicas. Para isso, foram analisadas as estratégias utilizadas para a abordagem da EA no processo de ensino e de aprendizagem.

### **Coleta de Dados**

Foi aplicada uma abordagem qualitativa, utilizando-se o questionário individual semiestruturado com questões abertas e fechadas, o qual foi entregue a 52 (cinquenta e dois) professores e depois recolhido para análise.

Segundo Lakatos (2008), o questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador.

O questionário utilizado na pesquisa foi composto de duas partes: uma primeira, com 4 (quatro) perguntas, com o objetivo de verificar a formação e o tempo de magistério do professor entrevistado e uma segunda, com 08 (oito) perguntas, com o objetivo de identificar as concepções de EA dos professores da EJA e também verificar a abordagem do tema desenvolvido pelos professores e as estratégias didáticas que estavam sendo utilizadas, como também as que se fazem necessárias.

As questões 1, 2 e 3, da segunda parte, respectivamente, tiveram como objetivo verificar as concepções dos entrevistados sobre EA e sobre a inserção desse tema na sua formação e no planejamento da escola.

- O que você entende por Educação Ambiental?
- Durante a sua formação acadêmica, o tema Educação Ambiental foi abordado?
- A Educação Ambiental está inserida no Projeto Político-Pedagógico da escola onde você atua?

Procurou-se verificar o trabalho dos professores com EA, quais materiais didáticos eram utilizados para abordá-la em suas aulas e o conhecimento deles sobre o aspecto legal dos PCNs sobre o tema Meio Ambiente, utilizando-se as perguntas 4 e 5 abaixo relacionadas.

- Você trabalha o tema Educação Ambiental nas suas aulas? Que ferramenta é mais utilizada?
- Você conhece o aspecto legal dos PCNs sobre o tema Meio Ambiente?

As últimas perguntas – 6, 7 e 8 – objetivaram a verificação quanto à existência e à necessidade de algum informativo ou material didático de apoio para abordar EA nas aulas e que temas seriam relevantes para serem trabalhados.

- Há algum material didático específico para Educação Ambiental na sua escola? Qual?
  - Você sente a necessidade de algum informativo ou material de apoio para abordar a Educação Ambiental nas aulas?
  - Que temas de Educação Ambiental você acha relevantes serem abordados em materiais didáticos que possam auxiliar as suas aulas?

### **Análise dos dados**

Para a análise das concepções de EA foi adotada a classificação segundo Loureiro (2006b), baseada em duas definições teórico-metodológicas, com a seleção de duas correntes: preservacionista e crítica.

Na corrente “preservacionista” foram agrupadas as respostas em que os professores afirmaram que a EA está relacionada com a preservação dos recursos naturais, com a importância de mantê-los intocados, para a proteção da flora e da fauna.

Na corrente “crítica” foram agrupadas as respostas em que os professores afirmaram que a EA crítica é aquela que nos mobiliza diante dos problemas e nos ajuda na ação coletiva transformadora da realidade (LOUREIRO, 2006b).

### **Resultados e Discussão**

Dos 52 questionários distribuídos, todos foram respondidos e devolvidos.

Na primeira parte do questionário, obteve-se a identificação dos professores entrevistados quanto aos dados: nome da escola, etapa em que atuam, tempo de magistério e formação profissional.

Em relação à etapa de atuação, apenas 8 professores (15%) atuavam no 1º segmento do Ensino Fundamental (Etapas II e III) e 44 professores (85%) atuavam no 2º segmento do Ensino Fundamental (Etapas IV e V) da Educação de Jovens e Adultos.

Em relação ao tempo de trabalho, 85% dos professores lecionam há mais de 10 anos. Tal informação é importante em relação às práticas pedagógicas e às relações de ensino-aprendizagem que acabam sendo incorporadas pelo professor.

No que se refere à formação, a pesquisa mostrou que todos os professores possuem graduação e dentre eles, 36 professores (69%) tiveram formação superior *lato sensu*.

A questão número 1 permitiu a identificação das concepções que os professores têm sobre EA.

A primeira categoria, a corrente preservacionista, foi citada por 28 professores (54%) e a segunda, a corrente crítica, foi citada por 24 professores (46%).

Os dados acima permitiram concluir que pouco mais da metade (54%) dos professores ainda possuem uma visão preservacionista da EA, o que, segundo Guimarães (2010), é uma visão ingênua, que tende à reprodução de práticas educativas consolidadas; por exemplo, a da educação comportamentalista a qual acredita que, transmitindo ao indivíduo (educando) os conhecimentos (aspecto cognitivo) necessários e ainda provocando nele uma sensibilização (aspecto afetivo) pela questão ambiental, o indivíduo pode transformar seu comportamento incorreto e que, se assim for, ao final teremos como resultado da soma destes indivíduos transformados uma sociedade transformada.

Essa educação ambiental se faz conservadora por voltar-se para um processo educativo focado no indivíduo e na transformação de seu comportamento; por não vincular e perceber as práticas educativas como uma intervenção individual e coletiva no processo de transformações socioambientais.

A segunda categoria, a corrente crítica, foi citada por 46% dos professores. As respostas encontradas demonstram uma concepção mais elaborada de EA, sendo o modo mais adequado, uma vez que alguns dos objetivos de uma EA crítica, como afirma Carvalho (2012), são: promover a compreensão dos problemas socioambientais em suas múltiplas dimensões (geográfica, histórica, biológica e social), considerando o meio ambiente como o conjunto das inter-relações entre o mundo natural e o mundo social; contribuir em direção a formas mais sustentáveis, justas e solidárias de relação com a natureza; formar uma atitude ecológica dotada de sensibilidades estéticas, éticas e políticas atentas à identificação dos problemas e conflitos que afetam o ambiente em que vivemos como também, implicar os sujeitos da educação na solução ou melhoria desses problemas e conflitos, mediante processos de ensino-aprendizagem que preconizem a construção significativa de conhecimentos e a formação de uma cidadania ambiental.

Com relação à abordagem da EA na formação acadêmica, 40 professores (77%) que atuam com a EJA responderam negativamente e 12 professores (23%)

responderam que tiveram contato com o tema EA em sua formação acadêmica, demonstrando, assim, a carência da introdução da EA nos currículos de graduação, pós-graduação e cursos de formação continuada o que acaba prejudicando o fazer pedagógico.

Quanto ao questionamento em relação a inserção da EA no Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola, 32 professores (62%) disseram que não e 20 professores (38%) disseram que sim, evidenciando que parte significativa dos professores parece desconhecer o PPP da escola. Assim, concordando com Dias (2004), percebe-se a necessidade de uma maior participação dos professores na construção do PPP dos estabelecimentos de ensino, para que juntos possam democraticamente decidir que projetos deverão ser desenvolvidos e no caso específico da EA, que possam ser criadas condições para que, no ensino formal, a EA seja um processo contínuo e permanente, desenvolvido por meio de ações interdisciplinares globalizantes e da instrumentalização dos professores.

Em relação a trabalhar o tema EA nas aulas, 48 professores (92%) responderam afirmativamente e 4 professores (8%) responderam que não. Assim é possível concluir que existe interesse na inserção do tema nas aulas. Porém, a sua abordagem como tema transversal esbarra em uma estrutura escolar fragmentada, na qual os conteúdos programáticos e a grade curricular dificultam a inserção do assunto e o trabalho interdisciplinar. Soma-se a isso o despreparo dos professores, conforme citado por Meyer (2001), pois a sua formação básica não contempla o estudo do meio, tendo como consequência um querer fazer sem saber como.

Em relação ao material didático, as respostas demonstram que textos, vídeos, internet e livros didáticos são as ferramentas utilizadas pelos professores para a abordagem da EA, evidenciando assim, que os professores têm buscado recursos para dinamizar a questão da EA em suas aulas.

Quando questionados sobre a existência de algum material específico para EA em sua escola, 44 professores (85%) responderam que não e 8 professores (15%) responderam que existem vídeos, livros e revistas, demonstrando a necessidade de produção de materiais mais criativos e contextualizados, mais adequados à perspectiva inovadora da EA.

Os resultados obtidos apontam para a necessidade de produção de materiais que possam auxiliar o professor numa prática educativa que, de acordo com Loureiro (2006a), insira a EA no sentido transformador, de problematização crítica da realidade e da possibilidade de atuação consciente na mesma.

Os temas de Educação Ambiental apontados como relevantes para serem abordados nos materiais didáticos, que serão utilizados como auxílio aos professores em suas aulas, foram: Agenda 21 escolar, Aquecimento Global, Desenvolvimento Sustentável, Destino dos Resíduos, Destruição Ambiental, Economia Sustentável, Reciclagem, Saúde e Meio Ambiente.

Os resultados apontam para temas que são de grande relevância e que devem fazer parte do cotidiano dos alunos da Educação de Jovens e Adultos. Materiais que tratem dos problemas locais da sociedade, pois, na perspectiva de uma Educação Ambiental Crítica, segundo Carvalho (2012), a formação incide sobre as relações indivíduo-sociedade e, nesse sentido, indivíduo e coletividade só fazem sentido se pensados em relação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Educação de Jovens e Adultos, por possuir toda uma especificidade própria, exige que busquemos analisar e propor práticas educativas condizentes com a realidade social excludente em que vivemos.

Faz-se necessário repensar a Educação de Jovens e Adultos, porque ela apresenta-se como um desafio para aqueles que se propõem construir uma educação emancipadora, a qual considere o ser humano em todas as dimensões.

A Educação Ambiental Crítica na Educação de Jovens e Adultos deve ajudar esse aluno pelos caminhos pedagógicos, à busca de uma conscientização e, assim, a uma conseqüente mudança de atitudes de maneira que seja possível a compreensão dos problemas socioambientais e que contribua para a transformação dos padrões atuais de uso e distribuição dos recursos naturais, em direção a formas mais sustentáveis, justas e solidárias em sua relação com a natureza. Isso só acontecerá com a problematização da realidade, de nossos valores, de atitudes e de comportamentos em práticas dialógicas, ou seja, no sentido posto por Paulo Freire, o qual afirma que a conscientização é o processo de uma mútua aprendizagem pelo diálogo, reflexão e ação no mundo. Movimento



coletivo de ampliação do conhecimento das relações que constituem a realidade, de leitura de mundo, conhecendo-o para transformá-lo e, ao transformá-lo, conhecê-lo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Política Nacional de Educação Ambiental. Lei Nº 9795.** 27 de abril de 1999.

BUSQUETS, M.D. et al. **Temas Transversais em Educação. Bases para uma formação integral.** São Paulo: Ática, 1993.

CARVALHO, I. C. M. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

COSTA, A.C.M. **Educação de Jovens e Adultos no Brasil: Novos Programas, Velhos Problemas.** 2009. Disponível em: [www.utp.br/Cadernos\\_de.../pdfs/.../\\_educacao\\_jovens\\_cp8pdf](http://www.utp.br/Cadernos_de.../pdfs/.../_educacao_jovens_cp8pdf) Acesso: em 23 de março de 2014.

DIAS, G. F. **Educação Ambiental: princípios e práticas.** 9. ed. São Paulo: Gaia, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido.** 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

\_\_\_\_\_. **Conscientização, Teoria e Prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** 4. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

GUIMARÃES, M. **Educação Ambiental: No consenso um embate?** 4. ed. Campinas: Papyrus, 2010.

LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LEFF, E. **Epistemologia ambiental.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LOUREIRO, C. F. B. **Trajatória e Fundamentos da Educação Ambiental.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006a.

\_\_\_\_\_. Educação Ambiental e “Teorias Críticas”. In: GUIMARÃES, M. (Org.) **Caminhos da Educação Ambiental: da forma à ação.** Campinas, SP: Papyrus, 2006b. p.51-86.

\_\_\_\_\_. **Premissas teóricas para uma educação transformadora. Ambiente e Educação.** Rio Grande, 8: 37—54, 2003.

MENEZES, M. G. **Um estudo sobre a contribuição de Paulo Freire para a construção crítica do currículo.** Espaço do currículo, v.3 n.4. p. 395-402. Mar de 2010 a Set de 2010.

MEYER, M. Reflexões sobre o panorama da Educação Ambiental no ensino formal. In: BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. **Panorama e Educação Ambiental no ensino fundamental.** Brasília: MEC/SEF, 2001. P.89-92.

PEDRINI, A. G. (Org.) **Educação Ambiental: reflexões e práticas contemporâneas.** 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

REIGOTA, M. **O que é Educação Ambiental?** São Paulo: Brasiliense, 2006.